



## O PREGADOR DO FIM DO MUNDO: DISCURSO ESCATOLÓGICO NO AGRESTE SERGIPANO DO SÉCULO XIX<sup>1</sup>

### THE PREACHER OF THE END OF THE WORLD: ESCHATOLOGICAL DISCOURSE IN THE ROUGH SERGIPE

Glêyse Santana Santos<sup>2</sup>

Maria Leônia Garcia Costa Carvalho<sup>3</sup>

**Resumo:** Esse artigo investiga, sob a égide da análise de discurso peuceuxtiana (AD), as formações discursivas e ideológicas presentes em dois textos epistolares datados de 1890 e 1891, redigidos pelo padre sergipano Felismino da Costa Fontes (1848-1913). Autointitulando-se “o pregador do fim do mundo”, o pároco liderou o movimento religioso caipira (integrado por trabalhadores rurais, donas de casa, letrados etc.) no agreste sergipano, no intervalo temporal de 1885-1891. Em decorrência, é intimado a comparecer à presença do seu superior, o arcebispo da Cúria Metropolitana da Bahia, fato que culminou com seu internamento no Asilo São João de Deus. As epístolas aqui analisadas dirigem-se a seu superior hierárquico e trazem as marcas de um discurso político engajado, movido por uma ideologia religiosa de cunho profético e apocalíptico.

**Palavras-chave:** Análise do Discurso. Epístolas religiosas. Movimento escatológico. Agreste sergipano.

**Abstract:** This article investigates, under the auspices of Peuceuxtian (AD) discourse analysis, the discursive and ideological formations present in two epistolary texts dated 1890 and 1891, written by Sergeant Father Felismino da Costa Fontes (1848-1913). Calling himself “the preacher of the end of the world”, the pastor led the caipira religious movement (made up of rural workers, housewives, educated people, etc.) in the rough Sergipe, in the time interval of 1885-1891. As a result, he is summoned to attend the presence of his superior, the archbishop of the Metropolitan Curia of Bahia, a fact that culminated in his admission to the São João de Deus Asylum. The epistles analyzed here are addressed to their hierarchical superior and bear the marks of an engaged political discourse, moved by a prophetic and apocalyptic religious ideology.

**Keywords:** Discourse Analysis. Religious epistles. Eschatological movement. Rough Sergipe.

<sup>1</sup> Artigo recebido em 29 de agosto de 2020 e aceito em 09 de setembro de 2020.

<sup>2</sup> Professora do Departamento de Ciência da Informação (UFS). Membro do Grupo de Estudos de Linguagem e Ensino (GELINE). Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal de Sergipe. E-mail: gleysesfpe@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1342-5097>.

<sup>3</sup> Docente do Departamento de Letras Vernáculas (DLEV) e do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Líder do Grupo de Estudos de Linguagem e Ensino (GELINE). E-mail: marialeoniagarcia@yahoo.com.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5513-6840>.

## Introdução

Este artigo consiste em uma análise discursiva de excertos de duas epístolas redigidas em fins dos oitocentos pelo padre sergipano Felismino da Costa Fontes (1848-1913), líder de um grupo religioso, denominado pelos opositores (Igreja/elites rurais), como os **caipiras**<sup>4</sup>. Como lastro teórico, utilizou-se o arcabouço da Análise de Discurso (AD) de influência peuceuxtiana, que compreende o discurso como “efeito de sentido entre locutores” (PECHEUX, 2014). Dessa forma, a AD se singulariza por considerar a exterioridade na interpretação dos discursos e a apreensão dos sentidos nos mais variados modos de funcionamento discursivo (ORLANDI, 2015).

Os objetivos que norteiam esta análise são: apresentar em linhas gerais, o movimento caipira, apreender quais as formações discursivas e ideológicas que se apresentam no *corpus* selecionado e os possíveis sentidos que emergem nesse discurso religioso. Para desenvolver esse intento, faz-se incontornável abordar, ainda que em linhas gerais, questões religiosas e identitárias relativas à base social e devocional dos caipiras, ou seja, seus traços distintivos. Isto porque os séculos XIX e XX foram palco para diversos movimentos sociorreligiosos e culturais, e não obstante as reais e possíveis similaridades entre os fenômenos, trata-se de manifestações identitárias singulares.

Em relação ao aspecto religioso do discurso, aqui se levam em consideração os posicionamentos de Orlandi (1997) acerca da tipologia discursiva que aponta o discurso religioso como ideológico e autoritário por excelência. Anteriormente, Althusser (1998) já colocara que, no discurso religioso, Deus é o Sujeito por excelência, sendo capaz de interpelar os demais sujeitos, seus interlocutores, os quais possuem, como característica principal, o assujeitamento à ideologia religiosa, a qual cria uma submissão na relação que se estabelece entre o homem a divindade.

Assim, levando-se em consideração que a língua e a religião são integrantes dos aspectos identitários e basilares para a história sociocultural das sociedades, e ainda, que os usos da linguagem colaboram para a sobrevivência, cooperação e reforço identitário dos grupos, serão apresentadas, mesmo que de forma panorâmica, as principais características do movimento caipira, pois, conforme nos relata Duarte (2008), os costumes, as crenças, as tradições e culturas implicam, diretamente, a noção de pertencimento e reforço identitário, e sobretudo, a sobrevivência de práticas religiosas e tradições culturais.

---

<sup>4</sup> Grifo nosso.

### Os Caipiras: agentes da salvação em um mundo alucinado

No ano de 1885, no agreste sergipano, mais especificamente na Freguesia de São Paulo da Mata (atual município de Frei Paulo), quando esta integrava o território da Vila de Santo Antônio e Almas de Itabaiana, teve início um movimento religioso de cunho popular. Era ele constituído por leigos, em sua maioria trabalhadores rurais e donas de casa, embora dele participassem algumas pessoas letradas. Seus seguidores eram conhecidos como “os caipiras”, “o exército santo”, “os escolhidos” (FONTES, 1894; BARRETO, 2011). Na liderança desse movimento, estava o padre Felismino da Costa Fontes, natural de Itabaiana, que desde 1882 passou a autodenominar-se “o pregador do fim do mundo” (FONTES, 1892, p. 4).

A partir dos registros dos Livros de Tombo de Batismo e Casamento da Freguesia de São Paulo, observa-se que Felismino passou a cumprir suas obrigações nos serviços da Igreja de São Paulo em 1885. Segundo seus escritos, passou também a comandar duas Irmandades, a do Carmo e a de Nossa Senhora das Dores, embora até o momento, não tenham sido encontrados registros oficiais dessas “fraternidades” no local, o que leva a crer na possibilidade de que fossem “clandestinas”, ou seja, criadas sem o aval da Igreja como era praxe (SANTANA, 2008).

O seu clericalato, no distrito de São Paulo, estendeu-se por cinco anos. No entanto, ao contrário do esperado de um homem com sua formação como especialista católico, assumiu qualidades de líder carismático<sup>5</sup>, iniciando uma pregação de cunho escatológico. Desafiou a hierarquia institucional e mobilizou um número significativo de seguidores, em sua grande maioria trabalhadores rurais, artesãos e donas de casa, embora também agregasse, em suas “hostes”, artistas (não se identifica qual a arte)<sup>6</sup> e letrados de maior condição financeira, residentes em vilas e freguesias sergipanas, a exemplo de Vila de Nossa Senhora da Piedade do Lagarto (atual município de Lagarto) e Senhora Santa Ana de Simão Dias (atual município de Simão Dias). Há ainda, registros de que, para além das referidas localidades, os caipiras ramificavam-se por Carira, Alagadiço, chegando até os limites da Serra Negra, fronteira com a Bahia, congregando em média, mais de dois mil pessoas<sup>7</sup>, número bastante expressivo para época.

<sup>5</sup> A liderança carismática é “baseada na devoção a um específico e excepcional ato de heroísmo, ou a um carácter exemplar de uma pessoa, o que lhe legitima a sua autoridade” (WEBER, 2012).

<sup>6</sup> As informações acerca dos integrantes do movimento caipira foram retiradas do Livro de Batismo da Igreja de São Paulo na Freguesia de São Paulo (1888). Embora o livro tenha originalmente a função de registro civil à época, há indicações dos caipiras como compadres do padre Felismino, que se tornou o padrinho de grande parte dos batizados durante seu paróquiato.

<sup>7</sup> Arquivo Histórico Nossa Senhora da Piedade (AHNSP), Cx. Ea-2. Livro de Registro das missões (1890-1933), pp.117-119.

Considerando-se que o movimento caipira remete aos fins do século XIX no agreste sergipano, certamente pode-se afirmar que a identidade dos sujeitos caipiras foi forjada na sua interação com a sociedade. Observa-se que existia um ideário ao mesmo tempo religioso e cultural que determinava suas crenças. De acordo com Hall (2006), a identidade, sobretudo na concepção sociológica anterior a meados do século XX, podia ser definida na interrelação do “eu e a sociedade”.

Abalizando a crença dos caipiras, encontrava-se em primeiro lugar uma devoção religiosa ao Deus todo poderoso, à Virgem Maria e, sobretudo, havia a ideia da aproximação do fim dos tempos, o que caracterizava suas crenças escatológicas. Compondo esse quadro devocional, esperavam eles para logo, o retorno do messias (milenarismo); a instauração do milênio de ouro, quando a paz reinaria absoluta entre os homens e nações (milenarismo); a realização da verdadeira fé de Cristo, ao promover uma releitura de dogmas institucionais e, por fim, percebiam-se como combatentes do mal em luta contra as forças maléficas do Anticristo, usurpadoras das instituições sociais e religiosa.

Tal movimento, embora “apagado” da História de Sergipe, repercutiu negativamente nas instâncias eclesiásticas e entre os proprietários rurais da região. A princípio mobilizou o clero local, sob a liderança do Monsenhor João Batista de Carvalho Daltro (1828-1910) e, posteriormente, em 1890, tomou maiores proporções, sendo o padre Felismino convocado a comparecer na sede da Cúria Metropolitana da Bahia para um encontro pessoal com o Arcebispo Dom Antônio de Macedo Costa (1830-1892), fato que culminou em sua prisão e internamento no Asilo São João de Deus, de onde o clérigo continuou a se comunicar com seus seguidores através de cartas.

De acordo com essas cartas (documentação primária a partir das quais a pesquisadora está desenvolvendo seus estudos doutorais), após o contra-ataque orquestrado pela Igreja, Estado e proprietários rurais do sertão e agreste sergipanos, para além da prisão de Felismino, os caipiras foram perseguidos, presos, amarrados em praça pública, sofreram agressões físicas, mas resistiram ao exílio do seu líder (FONTES, 1892, p.2). Ainda, conforme com notícia veiculada no periódico União Federal, em 22 de fevereiro de 1899, eles boicotaram ainda por muitos anos as ações empreendidas pela Igreja (santas missões capuchinhas, substituição de párocos, procissões), na busca por fortalecer o culto católico local e envolver os fiéis nas festividades e atividades da paróquia, e conservaram-se como resistência ainda por muitos anos, mantendo viva sua identidade e ideologia mesmo diante de todos os embates e do uso da força pelos poderes constituídos.

### **Percurso teórico e metodológico**

A perspectiva teórica e metodológica idealizada por Michel Pêcheux resulta do diálogo constituído com a Linguística, a Psicanálise e o Marxismo, a partir da articulação de seus conceitos. A Análise do Discurso (AD) se realiza como um novo campo do conhecimento que tem o discurso como objeto, ou seja, a materialidade na qual se inscreve a ideologia, que interpela o sujeito da enunciação e propicia o evocar de sentidos diversos tendo a linguagem como veículo.

Em consonância com Eni Orlandi (1998, p. 32), entende-se que a linguagem é ação simbólica, logo “tomar a palavra é um ato social e isso implica relações de poder”, conflitos e a constituição de uma identidade discursiva que está diretamente atrelada à ideologia. Quanto a isso, Hall (2006) aponta que identidade é diretamente relacionada às práticas e formações discursivas (“aquilo que pode ser dito em uma época e lugar historicamente definidos”<sup>8</sup>) do sujeito, a depender de sua localização e dos diferentes contextos que se apresentem, ou seja, para percebê-las é preciso atentar para as singularidades dos grupos e para os seus valores, costumes e tradições.

Já Althusser (1998, p. 26), influência significativa para pensar as bases teóricas da AD, afirmava que “a ideologia existe desde sempre porque é a representação da relação imaginária do sujeito com o mundo”, ou seja, um indivíduo somente se torna sujeito se atravessado pela ideologia, o que demarca uma oposição entre indivíduo (noção abstrata) e sujeito (aquele interpelado pela ideologia), em um determinado espaço e temporalidade.

Nessa perspectiva, as práticas discursivas dos sujeitos, por meio das quais eles produzem e reconhecem os sentidos da história, estão pautados pela língua e pelas formações discursivas, existindo, assim, em cada formação social, um modo de produção e um estado de relações de classe que a dominam. Dessa forma, as práticas sociais se desenvolvem através dos aparelhos estatais e em relação às posições de classe, as quais determinam os conflitos e as lutas em torno de algum interesse em um momento dado (ALTHUSSER, 1998; PÊCHEUX, 2014). E mais, para Pêcheux, uma formulação ideológica pode possuir uma ou várias formações discursivas interligadas que são influenciadas diretamente pelas formações ideológicas (“complexo de atividades e representações que não são nem individuais, nem universais, mas que se relacionam às posições de classe em conflito umas com as outras”<sup>9</sup>) no interior de uma formação social, sendo estas determinantes na produção dos sentidos.

---

<sup>8</sup> FERNANDES, 2008, p.48.

<sup>9</sup> PÊCHEUX E FUCHS, 2014, p. 165.

Em consonância com a teoria peuceuxtiana, Orlandi (2014), ao abordar o processo de produção de sentidos, afirmou que somente se pode chegar a eles por meio de sua inter-relação com a ideologia, pois o sujeito, ao produzir determinado discurso, já se encontra duplamente atravessado, pela ideologia e pelo inconsciente. Assim, os sujeitos podem dizer o que é possível através da formação discursiva e pensar como é possível através da formação ideológica. Esta última, por sua vez, regula o dizer a partir de uma dada posição do sujeito em uma conjuntura determinada pelo estado de luta de classes.

Assim, partindo-se da eleição temática, o primeiro passo metodologicamente empreendido para a elaboração deste artigo foi a leitura dos dois textos epistolares produzidos pelo padre Felismino da Costa Fontes, buscando evidenciar as formações discursivas e ideológicas que autorizam ou interditam dizeres e os sentidos evocados pelo sujeito do discurso. Desse modo, com base nas duas missivas anteriormente citadas, construiu-se o *corpus*, a partir de sequências discursivas (SD) retiradas de partes integrantes do referido texto. Posteriormente, realizou-se uma pesquisa bibliográfica com o intuito de melhor delimitar as categorias de análise da AD a serem utilizadas e compreender a constituição e caracterização dos discursos religiosos. Com base na produção científica decorrente desta revisão de literatura, passou-se à aplicação da teoria, visando à análise do *corpus* construído.

Ao assumir que a Análise do Discurso (AD) é uma abordagem metodológica qualitativa e que o discurso enquanto seu objeto é “território” não neutro e sujeito a cargas ideológicas, faz-se necessário reconhecer que o objetivo do método em AD se funda no desvelar do sentido das práticas discursivas (ORLANDI, 2015). Leva-se em consideração, a partir deste paradigma, que o sentido não está clarificado na materialidade do *corpus* a ser analisado, já que a análise do funcionamento discursivo possibilita explicitar “os mecanismos da determinação histórica dos processos de significação” que lhes dão sentido (PÊCHEUX, 2014, p. 152). Dessa forma, a metodologia em AD é marcada pela singularidade de ser construída em consonância com a análise empreendida pelo pesquisador, em um “moto contínuo”, articulando descrição e interpretação do *corpus* delimitado pelo (a) analista.

### **Um olhar discursivo sobre as epístolas felisminianas**

As sequências discursivas (SD) aqui destacadas para análise foram retiradas das duas primeiras epístolas felisminianas. É válido acrescen-

tar que não sofreram nenhuma atualização vocabular, apenas foi realizada uma transcrição do fac-símile. A primeira delas (SD1) é parte de uma resposta endereçada ao bispo Dom Antônio Macedo Costa (1830-1891). Nela, o padre Felismino confirma o recebimento de um ofício e explica os percalços que enfrenta na prática de seu ministério na Freguesia de São Paulo. Na segunda (SD2), o clérigo informa a um amigo, o Sr. João Oliveira, a finalização do processo pelo qual passou após sua viagem a Salvador. Seguem-se as duas sequências:

**SD1.** Excelentissimo e Reverendissimo Senhor:

Tendo recebido no dia 1.9. deste corrente um officio do Reverendissimo Vigario Geral de Sergipe com data de 10 do mesmo intimando-me para comparecer em presença de Vossa Excelentissima Reverendissima sob pena de suspensão de ordem até o dia 10 de Agosto e calando a minha Provisão de Vigario Emcommendado me cumpre fazer sciente á Vossa Excelencia Reverendissima que não tenho recurso pecuniário para emprehender tal viagem eu estou recebendo o alimento de mãos caridosas. No dia 1.7. de junho até 27 do mesmo sendo-me prohibido o ingrelso na Matris de São Paulo e no mesmo dia 27 pela noite tendo recebido participação que podia celebrar pelas 7 horas da manhã sem toque de sino e se nesta hora determinada não estivesse na Matris deixaria de celebrar, e prevendo que nada mais tinha a esperar da paixão crescente me retirei do altar ou da celebração do Santo Sacrificio da Milsa (FONTES, 1891).

**SD2.** [...] O Excelentissimo Senhor Bispo mandou receber-me a bordo, e conduzir-me para o estabelecimento de São João de Deos sem ter-me prestado a mínima atenção; e até esta data não nos vimos, nem tivemos a menor relação (FONTES, 1892).

Embora se tenha o propósito de lançar um olhar discursivo sobre as epístolas, serão feitas aqui alguns esclarecimentos de ordem linguística, no intuito de melhor contextualizá-las. Linguisticamente, o primeiro aspecto a se destacar nelas é a forma de tratamento “Excelentíssimo e Reverendíssimo Senhor”, que demarca o envio de correspondência a uma autoridade hierárquica, fato corriqueiro entre membros do clero, algo inerente ao trabalho administrativo da instituição católica desde sua organização burocrática. No geral, tais correspondências entre religiosos objetivavam o envio de ordens aos subordinados, informação aos superiores acerca do território, seus moradores, a paisagem natural, os costumes, trabalhos empreendidos, bem como a prestação de contas à hierarquia. No geral, eram cartas marcadas pela formalidade típica da época.

Contudo, chama atenção (na escrita epistolar do padre Felismino) a frouxidão da sintaxe. Não há pontuação marcando seus escritos, fato incomum quando se pensa no perfil educacional de um padre formado pela instituição católica e, sobretudo, quando endereçados a um cargo hierarquicamente superior, uma vez que “as atividades linguísticas são distribuídas e marcadas por diferenças temporais, sociais e individuais” (ROMAN; BENÇAL, 2012, p. 207).

Em segundo lugar, há em seus textos uma forte presença da oralidade, ocorrência que, de acordo com o estudioso Ismael Coutinho (1976), era comum no Brasil do século XVI, quando a escrita buscava imitar os sons da fala apresentando características da língua oral. Ora, o padre Felismino tinha um contato direto com o povo, dizia considerar-se “o pregador do fim do mundo”, e talvez por isso ele, em seus sermões, procurasse aproximar-se da língua de seus paroquianos, marca que se faz assaz presente em seus escritos. Ortograficamente, a escrita volta-se ao modelo clássico latinizado, típico do século XIX, com o uso de letras mudas e consoantes dobradas, a exemplo de “officio, proibido, empreender” etc., fato que situa o padre Felismino no léxico e na temporalidade histórica da época.

Para além do fato linguístico, observa-se que, apesar de tratar-se de uma correspondência em nível clerical e administrativo, imposta por força da autoridade religiosa sobre um presbítero, a formação discursiva que se impõe é a de coerção, típica da instituição policial ou jurídica, uma vez que a Igreja do século XIX como religião de Estado, estava lastreada pelo direito canônico, gerador de direitos e deveres possuía plenos poderes de exercer legalmente o poder de polícia e submeter seus membros às punições previstas em seus estatutos.

Tal fato é observado em ambas as sequências, pelo uso de termos típicos dessas instâncias: “officio/ intimando=me/ pena/ proibido/ conduzir=me/ sem ter=me prestado a mínima atenção”. Vê-se que o sujeito discursivo, submetido a uma intimação hierárquica, ou seja, de um superior, está inserido na divisão do trabalho social da Igreja e é obrigado a obedecer, ou seja, a estabelecer relações determinadas, necessárias naquelas circunstâncias, independentemente de sua vontade (MARX, 1996). Ademais, como membro do último escalão hierárquico (Vigário Encomendado), está subordinado ao Vigário Geral da Província e ao bispo de sua Arquidiocese (à época, a Arquidiocese da Bahia), que possui poderes para puni-lo, desde que ele não se enquadrasse nas práticas legitimadas pela instituição.

Dessa forma, percebe-se na SD1 que sua punição obedece a um rito administrativo que se estabelece de forma gradual. A hierarquia o



ameaçou (“intimando-me para comparecer em presença de Vossa Excelentíssima Reverendíssima sob pena de suspensão de ordem), impôs-lhe penalidades ao proibir sua entrada na Igreja (No dia 1.7. de junho até 27 do mesmo sendo-me proibido o ingrelso na Matris de São Paulo”), coibiu-lhe ações próprias ao ministério, posteriormente, permitindo-lhe a realização da missa sem toque de sino, uma nítida ação de esvaziamento do culto (“no mesmo dia 27 pela noite tendo recebido participação que podia celebrar pelas 7 horas da manhã sem toque de sino e se nesta hora determinada não estivesse na Matris deixaria de celebrar”), culminando com de sua prisão no Asilo São João de Deus, na cidade de Salvador.

Tal ação arbitrária, sem direito à defesa ou julgamento, ratifica o poder de polícia e o rito jurídico sumário que a Igreja sempre exerceu sobre seus membros -até os dias atuais ele possui o direito de excomungar e afastar padre considerados infratores das regras instituídas -, conforme se percebe em seu relato na SD2: (“Excelentíssimo Senhor Bispo mandou receber-me a bordo, e conduzir-me para o estabelecimento de São João de Deus sem ter-me prestado a mínima atenção; e até esta data não nos vimos, nem tivemos a menor relação”) (FONTES, 1892).

Outras questões decorrem do fato de Felismino ser um Vigário Encomendado: sua condição financeira e sua relação com a população. Não era, como os vigários colados, um funcionário público do governo imperial, pois os padres encomendados apesar de designados pelos bispos de suas arquidioceses, eram prestadores de serviço, autônomos. Eles não possuíam salário fixo, sendo seus rendimentos pagos pela população em troca da prestação dos serviços espirituais (batismo, casamento, ritos de exéquias etc.).

Chama atenção ainda, o fato dele resistir durante mais de cinco anos à frente do movimento caipira. Diante de todo problema que atravessava, das punições que vinha sofrendo e da falta de recursos, afirmava que era amparado pelos fiéis, o que demonstra o apoio popular que possuía (“que não tenho recurso pecuniário para emprender tal viagem eu estou recebendo o alimento de mãos caridosas”). Também significava uma demonstração de força perante a hierarquia, pois evidenciava que, mesmo sofrendo as punições, ele não estava sozinho. Havia aqueles que o apoiavam, mesmo sendo ele perseguido no interior da própria Igreja, e como visto anteriormente, segundo os registros documentais, ele liderava um número significativo de devotos.

Contudo, é preciso observar e compreender o fundamento desse posicionamento hierárquico em relação ao padre Felismino. Por que

a hierarquia atacava um clérigo tão popular e que agregava tantos fiéis? Vejamos o que ele apresenta por meio de seu discurso:

**SD3.** Eu tenho trese profecias, e outras tantas provas evidentes, mariando estes dias, que atravelsamos, como proximos ao Juiso Universal. [...] temos ainda o testemunho de um Sacerdote que tem respeitado o seo character sagrado de ministro de Jesus Christo, e que prega publicamente o fim do mundo desde o anno de 8.2, e que por graça de Deos tem padecido muito por esta causa, e que tem sido fiel e perseverante, e que tem uma consciencia tranquilla, segura e certa de que tudo o que dis e faz em relação ao seo ministerio extraordinario de pregador do fim do mundo e conforme a tradição, as profecias, e a Escripura Sagrada (FONTES, 1890).

No excerto do discurso do Padre Felismino acima – SD3 – em que ora emprega o pronome de primeira pessoa (eu, nós), ora faz uso da terceira pessoa (um Sacerdote), verifica-se certo afastamento da doutrina da Igreja a que estava afiliado, uma vez que se utiliza de uma formação discursiva religiosa heterodoxa em relação ao modelo de catolicismo que se apresentava na época. Sem abandonar o discurso religioso, Felismino migra de uma formação ideológica religiosa ortodoxa, católica romana, para uma formação ideológica profética (heterodoxa), torna-se, portanto um mau sujeito, ou seja, aquele que se distancia do saber da formação discursiva que lhe é imposta, pois a interroga, duvida, contesta e luta contra a evidência ideológica.

Por outro lado, percebe-se nessa enunciação, a força da identidade que unia o grupo caipira. Conforme nos relata Houtart (1994), a identidade se corporifica na interação do eu com o meio, na interrelação entre o exterior e o interior, e constrói-se, ao constituirmo-nos. Isto se explicita em sua mensagem, ao proferir (“Eu tenho trese profecias, e outras tantas provas evidentes, mariando estes dias, que atravelsamos, como proximos ao Juiso Universal”). Entende-se que o clérigo passa da condição de padre, especialista católico, intermediário legítimo entre Deus e o homem, numa relação dependente do culto, marcada pelo formalismo e pela conveniência dos clichês políticos, para a condição de profeta, instrumento da realização da Palavra do Deus da Aliança, em uma relação intensa de arrebatamento e dedicação que determina sua mensagem apocalíptica.

Para afirmar tal posicionamento, o discurso de Felismino, embora baseado em textos bíblicos é ainda, e, sobretudo, atravessado por uma formação discursiva de cunho político, sendo esta que se sobressai em seu tex-

to. Em primeiro lugar, apresentando figuras proféticas de destaque bíblico, tais como os profetas Daniel e João Batista, os quais, por suas próprias trajetórias míticas, representavam nomes de combate político e ideológico em relação ao culto religioso e às autoridades constituídas, e posteriormente, apresentando a sua variante doutrinária, conforme recorte abaixo:

**SD4.** São innumeras as calumnias, cruéis, eu era o unico Padre, que não concordava com o Excelentissimo Senhor Arcebispo e com o Summo Pontifice. Soffri tudo com resignação considerando que nenhuma culpa teve São João Baptista em não ser acreditado pelos Padres e o Summo Pontifice da Santa Igrêja Judaica ou da Sinagoga, e que nenhum crime teve o mesmo Profêta em todas as horriveis descrenças dos Sacerdotes e do povo. [...] E desde o tempo em que o Sacrificio perpetuo for abolido, e a abominação para a desolação fôï posta, se palarão mil dusetos e noventa dias. Bemaventurado aquelle que espera e chega até mil tresentos e trinta e cinco dias. (Livro de Daniel cap. 12 v. 10, 11, 12). Se me perguntarem sobre o tempo destes succellos eu lhes responderei que segundo a venerável profecia de São Bernardo a Milsa foi abolida desde o anno de 8.4, em que se acabou o vinho e o trigo [...] Se vivo em um quasi geral deprêso, odiado, e perseguido por muitos, allucinados pelo Antichristo e seos agentes, que tem atormentado [sic] muitas cebeças para não entenderem os dias ter-riveis, que atravelsamos, mais sou confirmado na verdade da milsão extraordinaria de pregador do fim do mundo, o qual não ha de ser acreditado, e sim injuriado, escarnecido, e guerreado, para deste modo cumprirem-se as palavras profeticas de Jesus: Alsim como foi nos dias de Noé, alsim será a volta do Filho do homem (FONTES, 1891).

Observa-se, na sequência discursiva acima (SD4), que Felismino se sente difamado ao afirmar “são innumeras as calumnias, cruéis” e compara-se a São João Batista, o qual, segundo ele, “nenhuma culpa teve [...] em não ser acreditado pelos Padres e o Summo Pontifice da Santa Igrêja Judaica ou da Sinagoga, e que nenhum crime teve o mesmo Profêta em todas as horriveis descrenças dos Sacerdotes e do povo”. No entanto percebe-se, em suas palavras, que há uma quebra de hierarquia religiosa católica, tanto que o padre Felismino cita outros religiosos e profetas, a exemplo de Daniel e São Bernardo, que não se submeteram às autoridades constituídas. A exemplo deles, o clérigo questiona esses prelados, não lhes rende obediência, nem os reverencia, além de suscitar serem eles os agentes do Anticristo e, conseqüentemente, agentes de uma falsa fé. Por outro lado, se arroga como detentor da verdade, ao admitir : “mais sou confirmado

na verdade da missão extraordinária de pregador do fim do mundo, o qual não ha de ser acreditado, e sim injuriado, escarnecido, e guerreado, para deste modo cumprirem-se as palavras proféticas de Jesus”.

Segundo Orlandi (2007, p. 113), “Há uma relação sentido/discurso social, sob a censura, que se estabelece de forma que signifique o que é preciso não dizer.” Ao afirmar ser confirmado na “missão de pregador do fim do mundo”, Felismino apela para as palavras proféticas de Jesus, sem as emitir, mas seu sentido está ali, camuflado. Há, em seu discurso, uma comparação implícita de si a Cristo, o Messias, que, como ele, foi “injuriado, escarnecido, e guerreado”, mas suas profecias foram cumpridas. É uma forma de resistência, de combate, em que o sujeito “produz uma espécie de reversão no discurso social, sem, no entanto, negá-lo. Ele passa a significar pelo avesso, por seu “duplo”.

Na verdade, não há uma identificação doutrinária; ele praticamente rompe com a ideologia da Igreja Católica ao dizer: “Se me perguntarem sobre o tempo destes succellos eu lhes responderei que segundo a venerável profecia de São Bernardo, a Milsa foi abolida desde o anno de 8.4, em que se acabou o vinho e o trigo[...]”. Ao falar na abolição do sacrifício perpétuo da missa, ele nega uma doutrina que se assenta na transubstanciação da hóstia em corpo e sangue de Cristo e na comunhão.

Por fim, é possível apreender que, de forma geral, o discurso felisminiano evoca representações sociais: grupos inconciliáveis, uma sociedade em crise, a presença satânica, perseguições, pregações, sacrifícios, castigos, quebra de hierarquia civil e religiosa e aspirações de um modelo de sociedade ideal.

### **Considerações finais**

O trabalho ora findo, teve como objetivo trazer à luz a singularidade do movimento caipira, obscurecido até bem pouco tempo, dos anais da história de Sergipe. Buscou-se aqui, a partir dos estudos da linguagem, em específico da AD, refletir acerca de aspectos constituintes da história e da política, no discurso presente nas epístolas felisminianas, além de destacar aspectos singulares das crenças e posicionamentos dos caipiras diante das questões sociais e do sagrado.

Dessa forma, esse escopo teórico-metodológico da AD permitiu mobilizar, nessa análise, as categorias de discurso formação ideológica, formação discursiva e sentidos, as quais possibilitaram às pesquisadoras lançar um olhar acerca do(s) fenômeno(s) discursivo(s) caipira. O estudo

aqui empreendido voltou-se ao material empírico, as cartas, para um exercício de interpretação e análise, sob uma perspectiva, dentre muitas possíveis, para compreender o pronunciamento do padre Felismino, buscando, a partir das formações discursivas, descortinar a ideologia que sustenta seu discurso, procurando apreender sentidos.

Percebe-se que se constitui, *a priori*, um discurso religioso, mas com implicações variadas. O texto traz as marcas de um discurso político engajado, movido por uma ideologia religiosa de cunho profético e apocalíptico. Um sujeito padre (um especialista em assuntos da fé) que fala em nome de Deus, e que, nesse ato, subverte, e ao enfrentar a hierarquia, assume um deslocamento ideológico. Torna-se profeta, ou melhor, padre-profeta. Assim, ainda que, no interior da esfera ideológica religiosa ele apresente uma nova possibilidade de Salvação, um desvio, uma concorrência em matéria de assuntos de fé, assume-se como um enviado de Deus para guiar os homens em seus últimos dias na terra.

Tal fato jamais seria possível de aceitação pela hierarquia e preceitos católicos romanos que se afirmavam no Brasil daquela época em oposição ao catolicismo de cunho mais popular. Ao observar o discurso presente nas epístolas, observa-se que fala de uma tradição popular, uma identidade muto peculiar ao povo sertanejo. E a linguagem profética, heterodoxa, cria antagonismos em relação aos setores institucionalizados, seja da Igreja, seja do Estado. Ademais, essa concorrência espiritual a Igreja não desejava e combatia.

Tratava-se, por fim, de relações de poder e manutenção de controle da fé e privilégios dos religiosos. Grande parte dos clérigos assumiam postos de destaque social para além da esfera religiosa. Eram professores, políticos, eruditos, coronéis e ligavam-se aos altos escalões socioeconômicos. Dessa forma, usando do poder que lhes era conferido pelo Estado, consolidado no Código Canônico, agiam com poder de polícia para desbaratar movimentos míticos religiosos de cunho político e silenciar a heterodoxia religiosa/política.

## REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado**. Lisboa: Editorial Presença/Martins Fontes, 1998.

BARRETO, Luiz Antônio. Sergipe e o Conselheiro (VII). **Infonet**. 2011. In: <http://www.info net.com.br/noticias/cidade/ler.asp?id=111313>. Acesso em 21.06.2018.

BRANDÃO, Helena Nagamine. **Introdução à Análise do Discurso** Campinas: Editora da Unicamp, 2012.

COUTINHO, Ismael de Lima. **Gramática Histórica**. Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 1976.

FONTES, Felismino da Costa. Primeira Carta (1891). **Conjunto de Cartas** 1890 – 1907. Acervo do Sr. João de Oliveira. Frei Paulo.

FONTES, Felismino da Costa. Quarta Carta (1894). **Conjunto de Cartas** 1890 – 1907. Acervo do Sr. João de Oliveira. Frei Paulo.

FONTES, Felismino da Costa Segunda Carta (1892). **Conjunto de cartas** 1890 – 1907, Acervo do Sr. João de Oliveira. Frei Paulo.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na pós-modernidade**. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HOUTART, François. **Sociologia da Religião**. São Paulo: Ática, 1994.

INDURSKY, Freda. Lula Lá: Estrutura e acontecimento **Organon**. Revista do Departamento de Letras da UFRGS. v. 15, n. 35, 2003. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/30020/18616>. Acesso em 17 de junho, 2018.

MALDIDIÉ, Denise. **A Inquietação do Discurso: (re)ler Michel Pêcheux hoje**. Campinas: Pontes Editoras, 2017.

MALDIDIÉ, Denise. Elementos para uma história da análise do discurso na França. In: Orlandi, E (Org). **Gestos de Leitura: da história no discurso**. Campinas: Editora da Unicamp, 2014.

MARX, Karl. **Manifesto do Partido Comunista**. Petrópolis: Vozes: 1996.

ORLANDI, Eni. A leitura e os leitores possíveis. In: ORLANDI, Eni (org) **A Leitura e os Leitores**. Campinas: Pontes. 1998.

ORLANDI, Eni. **As Formas do Discurso no Movimento dos Sentidos**. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

ORLANDI, Eni. **Análise do Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes Editores, 2015.

ORLANDI, Eni. **Gestos de Leitura: da história no discurso** Campinas: Editora da Unicamp, 2014.

ORLANDI, Eni. **A Linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. 4 ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1997.

PÊCHEUX, M. **O Discurso: estrutura ou acontecimento**. Campinas: Pontes Editores, 2015.

PÊCHEUX, M. **Papel da Memória** In: *Papel da Memória*. Pierre Achard et al. Campinas, SP: Pontes, 1999.

PÊCHEUX, M. **Semântica e Discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Editora da Unicamp, 2014.

ROMAN, Elódia Constantino; BENÇAL, Dayme Rosane. O português brasileiro do século XIX nas cartas da Baronesa de Guaraúna e da Imperatriz Theresa. **Língua e Letras**, v.13, n. 24, 2012, p. 197-240.